

A data da Independencia

Ha cem annos, precisamente, rompia o Brasil os ultimos laços que o prendiam á antiga metropole, acclamando o seu primeiro imperador e iniciando o seu regimen constitucional autonomo, pelo qual, por um salutar ensaio de democracia, havia de chegar mais tarde á actual fórma republicana, sem quebra da unidade nacional.

Tão notavel acontecimento politico occorria na nossa terra sem subversão da ordem nem sacrificios humanos; antes, o grito da independencia, traduzindo a aspiração legitima de um povo que havia já chegado á maioridade e adquirido o goso de alguns direitos, era recebido com enthusiasmo e reboava festivamente em todo o paiz.

Se não se podera, á separação assim pronunciada, dar, com propriedade, o nome de divorcio amigavel, porquanto, como diz um historiador, não ha divorcio a que não precedam sempre desintelligencias — “não ha desquite perfeitamente amigavel” —, ella fôra todavia

feita em termos de não ser preciso lutar, e não encontrou por isso senão uma pequena resistencia, isolada, e que foi logo reprimida.

Aliás, na ordem politica, como na ordem social e economica, as revoluções que tem feito a nação brasileira, são sempre de natureza pacifica. Desta fórma erigiu ella o seu imperio; organisou a sua vida constitucional; fez a abolição e proclamou a Republica; sem violencia nem derramamento de sangue. Não temos feito nenhum de guerreiros; as nossas tradições nationaes são todas de paz; repugnam á indole da nossa gente as conquistas filhas da força.

O intenso amor do povo brasileiro pela liberdade, e este seu espirito de democracia, julgado pelos inglezes — já ha cem annos — como perigoso por ser DEMASIADO, não levaram ainda assim os dirigentes a excessos, que só podiam ser prejudiciaes, no lance da emancipação politica em que, para se vencer, fôra preciso transigir.

Os mais exaltados souberam manter nesse movimento, de par com o seu idéal democratico, o senso das realidades uteis á sua patria, e não se perderam no sonho.

Guiou-nos na jornada patriotica a luz da intuição providencial que Deus accende na alma dos responsaveis pela vida dos povos, para que estes se não esbarroquem. Ao clarão desse luar instinctivo é que as nações marcham para os seus destinos mysteriosos, encaminhadas pelos que a dirigem. São os fados, e não os homens, que decidem da sorte dellas. A historia ahi está para mostrar a verdade deste enunciado.

Os que só vislumbram na independencia brasileira uma como transacção entre os dois elementos em antagonismo, pensada e deliberadamente resolvida com o sacrificio mutuo dos idéaes de cada um, — olham so-

mente aos factos, e não aos motivos, que estes não soem apparecer — occultos sempre, na subconsciencia impenetravel que governa os homens, as nações e os mundos.

E no entanto uma Providencia existe, para que se possa vêr, em cada crise grave da historia de um povo, o homem, ou o grupo de homens que a terá de dominar, transpondo o abysmo em que poderiam cair. São esses os chamados superhomens — seres providenciaes em quem a nação mesma se encarna, e que dispõem, apparentemente, dos seus destinos.

Tal era a missão que deviam preencher, nos memoraveis dias historicos da nossa independencia, os vultos de d. João VI, de d. Pedro I, do Marquez de Barbacema e de José Bonifacio.

A data de hoje, fixando o primeiro centenario da soberania do Brasil, relembra ao mesmo tempo a admissão da joven nacionalidade no seio da sociedade internacional.

Ninguem ignora a influencia que a entrada do Novo-Mundo na associação dos Estados teve sobre a politica européa, influencia consideravel, a ponto de se vêr mesmo nella um dos factos politicos mais notaveis da historia da civilização. Esse grande acontecimento, ao mesmo tempo que repercutia na situação politica e economica da Europa, alargava o campo da communiidade internacional e modificava de modo sensivel a sua physionomia.

Se ao estudo de tal influencia ainda não se deu a amplitude, que o assumpto naturalmente estava a exigir, comtudo, elle já tem sido tentado em trabalhos especiaes, relativos á contribuição dos Estados da America para o desenvolvimento da civilização e os progressos do direito internacional, concurso que por ser valioso vale a pena lembral-o.

Um illustre professor estadunidense resumia, não

ha muito tempo, a parte que entende caber ao seu paiz na obra commum da civilização, apresentando-a sob um quintuplo aspecto. Elle fazia resaltar ahi o recuo das idéas bellicosas e a regulação dos litigios pela arbitragem; a tolerancia em materia religiosa; o desenvolvimento do suffragio universal; o exemplo da liberdade politica em um paiz dotado de grande facilidade de absorpção dos elementos immigrados; a diffusão do bem-estar material.

A quota, relativamente ao Brasil, com que o nosso paiz tem contribuido, em cem annos de vida soberana, para o patrimonio universal da civilização e cultura, podia tambem ser objecto de um proveitoso ensaio, que seria digno de figurar entre as manifestações com que se celebra hoje o seu seculo de independencia.

A data é por todos os motivos propria a suscitar essas homenagens. Ella justifica, do modo mais brilhante, as festas de excepcional imponencia que estão sendo feitas, e a que se associam nesta hora as nações amigas da nossa, — em honra do nosso paiz.

7—9—1922.

ODILON NESTOR.
